

Rússia anuncia 'redução drástica' de ataques a Kiev

munido guerra na ucrânia



O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, fala às delegações russa e ucraniana antes do começo do encontro no palácio Dolmabahçe, em Istambul

Rússia anuncia 'redução drástica' de ataques a Kiev e muda foco da guerra

Putin e Zelenski dissimulam metas para tentar cantar vitória; Erdogan surge como mediador

Igor Gielow

SÃO PAULO O Ministério da Defesa da Rússia anunciou a primeira redução de ataques sem motivação humanitária desde o começo da guerra na Ucrânia, em 24 de fevereiro. A pasta diz que vai "reduzir drasticamente a atividade militar em torno de Kiev e Tcherniviv".

A motivação oficial é facilitar as negociações de paz que recomeçaram em modo presencial em Istambul, com a presença do presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, nesta terça (29). Mas a medida, se virar, também dá tempo ao Kremlin para adaptar seu discurso sobre a guerra.

Assim, permitir ao presidente russo, Vladimir Putin, tentar cantar vitória é uma estratégia, mirando ganhos no leste e sul do país — isso se não dissimular um rearranjo geral de forças para um plano maior.

Os negociadores ucranianos fizeram a oferta de neutralidade militar, um dos objetivos centrais da Rússia no conflito, evitar a entrada da vizinha na Otan, a aliança militar ocidental. Demandam para tanto o fim das hostilidades e a retirada de forças russas.

Em troca, pedem garantias externas de segurança, algo que segundo o assessor presidencial Mikhailo Podoliak significaria uma proteção análoga à que membros da Otan dão uns aos outros.

A Turquia, misto de rival e aliada de Putin e simpática ao governo de Volodimir Zelenski em Kiev, é uma candidata — mas também é aliada, o que dificulta a equação.

A presença de Erdogan nas conversas no magnífico palácio otomano de Dolmabahçe, contudo, coloca um peso até aqui inédito na tratativa. Entre os negociadores estava o bilionário russo Roman Abramovich, que vinha agindo por fora e até foi supostamente envenenado, um episódio obscuro ainda.

O negociador russo, Vladimir Medvedev, disse até que uma cúpula Putin-Zelenski poderia ocorrer.

Ele, que rejeitou o termo cessar-fogo para evitar a leitura de capitulação, disse que Kiev pediu para poder entrar na União Europeia, algo que será malvisto em Moscou, por trazer o arcabouço liberal-democrático para uma grande população nas suas fronteiras.

Os ucranianos também aceitaram discutir em 15 anos o status da Crimeia, região histórica russa anexada por Putin em 2014. Não há consenso divulgado sobre o Donbass, o leste do país ocupado por separatistas pró-Rússia na guerra civil iniciada naquele mesmo ano, mas Zelenski já sinalizou aceitar o debate.

Já o ministro-adjunto da Defesa russo Alexander Fomin disse que o cessar-fogo parcial visa "criar condições para negociações futuras para alcançar o objetivo de assinar um acordo de paz".

Ninguém comprou isso pelo valor de face. "Temos de estar preparados para alguma grande ofensiva em outras áreas da Ucrânia. E isso não significa que a ameaça a Kiev tenha acabado", disse o porta-voz do Pentágono, Jack Kirby, em tom semelhante ao da Casa Branca.

Houve movimentos de tropas, segundo Eia e Reino Unido, mas nada que caracterize uma retirada. Zelenski, em sua usual fala noturna, disse que houve avanço, mas só. Antes do anúncio, um míssil havia matado 12 pessoas na administração de Mikolaiiv (sul).

Putin sempre deixou suas opções abertas na guerra, nunca tendo admitido uma invasão completa com objetivo de ocupação, ainda que a ação sugerisse isso. Nesta terça, antes do anúncio do cessar-fogo, o ministro da Defesa da Rússia, Sergei Choigu, disse que o "objetivo principal" é a "libertação do Donbass".

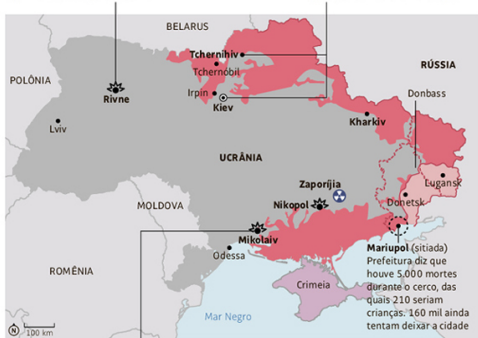
O potencial de combate das Forças Armadas ucranianas foi significativamente reduzido, o que possibilita focar nossa atenção e nossos esforços em atingir o objetivo principal, a libertação do Donbass", afirmou.

34º dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Ataques relatados
- Anexada pela Rússia em 2014
- Maior usina nuclear da Europa

Rússia diz ter destruído depósito de combustível para correntes de suprimento de tropas da Ucrânia

Rússia promete 'redução drástica' da atividade militar nas áreas após negociação com Ucrânia na Turquia



Míssil russo deixou buraco em prédio da administração local em ataque com ao menos sete mortos e mais de 20 feridos

Na semana passada, as Forças Armadas russas já falavam na tal primeira etapa da guerra tendo sido completada. Em campo, o que se viu desde então foram três movimentos. Primeiro, o desengajamento russo de cidades em torno de Kiev, que a Ucrânia clamou para si como vitórias militares, embora a vital Tcherniviv (nordeste da capital) tenha sido cercada.

Segundo, a destruição da resistência residual ucraniana em Mariupol, tornando de ruínas um ponto central da conexão terrestre entre o Donbass e a Crimeia.

Por fim, como Choigu deixou claro, uma virada tática que visa atacar o centro das forças ucranianas junto às fronteiras do Donbass. Se houver reforços suficientes pelo sul, vindos da Crimeia, é possível que os russos tentem cercar esses combatentes — que podem fugir a oeste, para Kiev, ou tentar a sorte.

Mariupol mostra que, apesar da incompetência em vários aspectos, os russos apostam sem restrição em guerra de atrito quando necessário. O que isso significa? Que Putin pode buscar encerrar o conflito em termos que lhe permitam cantar uma vitória.

Resta saber o que vão fazer com a promessa de "desnazificar" o vizinho, que nos primeiros dias da campanha viraram um pedido do presidente para que os militares ucranianos derrubassem Zelenski.

Sempre será possível dizer que a pressão militar sobre Kiev sempre foi branda, em comparação com a obliteração de Mariupol. No mais, de fato os russos atingiram a infraestrutura militar ucraniana, destruindo inclusive a base industrial de defesa do país.

Portanto, a derrota de Putin na visão ocidental pode ser uma vitória suficiente para lhe manter o apoio interno. Resta saber qual será esse desenho e o que disposto a aceitar a excisão da dita Nova Rússia estará Kiev.

"Eles [os russos] parecem ter feito uma guerra geral, não apenas para formalizar uma área que já controlavam. Eles lutam uma guerra desenhada com ambições maiores", afirma George Friedman, da consultoria Geopolitical Futures, um dos principais analistas estratégicos americanos.

Tudo pode ser uma dissimulação, é claro, e Moscou apenas busca ganhar tempo para refazer suas táticas visando o objetivo estratégico de derubar Zelenski e instalar um regime títere em Kiev. A resistência, contudo, sugere que o plano é pouco palatável, embora na TV estatal russa apresentadores de talk show já falem abertamente em "ter a Ucrânia, queira ela ou não".

Kiev também dissimula suas intenções, como seria esperado. Zelenski uma hora está clamando armas e apoio em visitas virtuais a Parlaentos no mundo todo, noutra concede entrevistas sóbrias dizendo que pode reconhecer a realidade no Donbass e aceitar a neutralidade exigida por Moscou.

Novamente, é jogo de palavras: com o grau de conflito territorial que tem com a Rússia, a Ucrânia nunca seria parte da Otan, exceto que a turma de Bruxelas quisesse contratar a Terceira Guerra Mundial. Mas de qual neutralidade fala Zelenski?

Friedman aposta que ele só tem como opção adotar o modelo sueco, que formalmente não é da Otan mas que tem feito certo na disputa Ocidente-Rússia desde a Guerra Fria.

Central nisso é o pedido feito por garantias de segurança de terceiros para aceitar a rendição sem esse nome, missão que Erdogan chama para si.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10